



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso
Professora: Cleide Pereira Monteiro

O Arquiteto das Palavras: as invenções possíveis a um sujeito psicótico

Ana Carolina Ramos Oliveira - 2016051588

João Pessoa

Maio/2019

ANA CAROLINA RAMOS OLIVEIRA

O Arquiteto das Palavras: as invenções possíveis a um sujeito psicótico

Trabalho apresentado como requisito
para a conclusão do Curso de Graduação
em Psicologia pela Universidade
Federal da Paraíba.

Orientadora: Cleide Pereira Monteiro

João Pessoa

Maio/2019

ANA CAROLINA RAMOS OLIVEIRA

O Arquiteto das Palavras: as invenções possíveis a um sujeito psicótico

Trabalho apresentado como requisito
para a conclusão do Curso de
Graduação em Psicologia pela
Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

Cleide Pereira Monteiro

Elisângela Ferreira Barreto

Regileide de Lucena Fernandes

João Pessoa

Maio/2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a todos que estiveram ao meu lado durante o percurso de escrita desse trabalho, e que, de uma forma ou outra, me deram forças para continuar o caminho.

Não posso deixar de agradecer especialmente ao Projeto Aimée, onde fui acolhida e apresentada à psicanálise lacaniana que tanto me encanta. Foi também através do Projeto, que pude me iniciar na clínica e me encantar com os desdobramentos disso. Ainda, o Projeto trouxe para meu lado diversos colegas, com os quais posso compartilhar a estrada da psicanálise, esse caminho se torna mais leve ao ser compartilhado.

Obrigada especial também à Cleide, orientadora não só desse trabalho, mas também de meu estágio clínico, com ela aprendi a sensibilidade da clínica.

Além desses, estive ao meu lado minha família, meus amigos e meu companheiro, que mesmo afastados da psicanálise lacaniana, puderam contribuir de diversas formas durante o caminho desse trabalho.

Só se pode encher um vaso até a borda. Nem uma gota a
mais.

(Caio Fernando Abreu, em seu conto “Uma história de
borboletas”, 2000)

Sumário

Resumo.....	6
Instante de ver.....	7
Tempo de compreender.....	8
A segunda clínica de Lacan e a escrita de músicas.....	12
Nomeação: Zé Trovão.....	17
O arquiteto das palavras.....	17
A cartografia.....	19
A trança subjetiva, ou, o enodamento.....	19
Para além do Édipo.....	20
Momento de concluir.....	22
Referências.....	23

RESUMO

Sendo a forclusão da inscrição do Nome-do-Pai, a condição essencial da psicose, como formula Lacan em sua teoria, a questão que norteia esse trabalho é: sem esse significante simbólico organizador, que viria a sustentar tais sujeitos na vida; quais as possibilidades para os psicóticos? O trabalho busca discutir as soluções que foram possíveis em um caso singular, onde sujeito pôde inventar ferramentas, sendo elas a escrita de músicas, a nomeação e a cartografia, que o ajudem a criar para si, um lugar no mundo. O trabalho discute, ainda, baseado na clínica do nó borromeano de Lacan, como o enfraquecimento da Nome-do-Pai abre brecha para a clínica das invenções para os sujeitos contemporâneos.

Palavras-chave: psicose. amarrações. clínica do nó borromeano.

INSTANTE DE VER

Foi através da clínica com a psicose que eu adentrei o mundo da psicanálise. Foi essa clínica que me mostrou o poder que essa teoria carrega, abriu meus olhos para sutilezas tão esquecidas em uma graduação de psicologia e me ensinou o lugar de uma analista, lugar que ao longo do tempo me desafiei a ocupar. Diante deste fato, posso parecer demasiada deslumbrada com a psicose ao longo de meu texto. De fato, essa clínica me surpreendeu, e continua me surpreendendo a cada constatação, a cada sessão, a cada novo caso.

Foi com grande entusiasmo que comecei minha clínica no hospital psiquiátrico Juliano Moreira, e esse sentimento aumentava quando colocava em prática todo o estudo da teoria Lacaniana. E de forma surpreendente, surgiam os efeitos de minha atuação, de minhas intervenções, e me sentia como na famosa ópera “O Aprendiz de feitiçeiro”, animada pela Disney, onde Mickey Mouse, no papel de aprendiz, diante da ausência de seu mestre, se permite experimentar, fazer a mágica acontecer e se fazer ator de sua prática. Claro que, assim como na ópera, o percurso daquele que começa não é sem tropeços, erros, e no meu percurso especificamente, algum desespero diante do choque inicial ao entrar naquele ambiente tão feio e mal falado que são os hospitais psiquiátricos. Mas isso não era suficiente para ofuscar meu entusiasmo e meu desejo em atuar com a psicose.

A cada semana que eu passava no Juliano Moreira, uma frase de Lacan, de seu *Seminário As Psicoses* (1955/56), ressoava na minha cabeça: não recuar diante da psicose. Quanto mais avançava o trabalho com as oficinas, formato em que fazíamos nossa escuta dentro do hospital, mais claro ficava quão fértil é o terreno na psicose. Abria-se na minha frente um mundo infinito de possibilidades, pois esta clínica me mostra a riqueza das subjetividades humanas. Mais tarde descobri que para meu deslumbramento já haviam dado nome; Dafunchio (2008) em seu livro “*Confins da Psicose – Teoria e Prática*”, situa a psicose na zona dos confins, quer “quer dizer, situar isso que há de único em cada caso, isso que no caso é impossível de ser reduzido ao tipo clínico, ao universal [...], se trata justamente da singularidade do caso”.

A psicose me inquietou desde o princípio, me empurrou a pensar além das soluções ditas normais, pré-fabricadas, para a vida. Ela vai além da lei colocada, a Lei do Nome-do-pai, como formula Lacan no Seminário III. Pensava então como aqueles

sujeitos que encontrava, faziam invenções com a vida, criavam para si algo que lhes faltava, inventavam suas próprias leis. E foi assim que, aos poucos, foi surgindo a questão principal de meu trabalho: sem essa solução padrão, que dê conta de sustenta-los na vida; quais as possibilidades para os sujeitos psicóticos? A resposta provavelmente é: infinitas. Realmente, aqui fica claro a potência das subjetividades. Paralelamente ao surgimento dessas diversas inquietações para mim, o trabalho com as oficinas estava a todo vapor, estávamos ampliando o trabalho para o Ambulatório Gutemberg Botelho, onde passaríamos a atender individualmente alguns sujeitos após receberem a alta médica do hospital. Foi nesse momento que comecei a atender individualmente José, como o chamaremos ao longo desse trabalho, homem de 35 anos, psicótico desvelado, 10 anos de internações psiquiátricas, escritor de músicas e tocador de violão autônomo Zé Trovão. Nomeação que foi construída por ele a partir do tratamento analítico. Um sujeito que inventa suas próprias saídas frente à experiência com a loucura, nos ensinando sobre a existência fora dos padrões vigentes.

Dessa forma pude estudar, através desse caso, minhas inquietações acerca das invenções possíveis a um sujeito. Uma vez que as possibilidades são infinitas para qualquer psicótico, esse trabalho pensa através de um sujeito único, com suas singularidades e suas próprias invenções. O trabalho busca explorar as soluções que foram possíveis para José.

No decorrer de meu texto, trago um panorama geral acerca da história de José e de sua trajetória até o Juliano Moreira, onde nossos caminhos se cruzaram, e ao longo dessa explanação já busco introduzir conceitos fundamentais da clínica com a psicose, formulados por Lacan em seus escritos. E ainda, busco introduzir os principais significantes que nortearam o caso. Na parte final desse trabalho, discuto com mais profundidade as invenções, através da escrita de músicas, da nomeação e da cartografia que José construiu para si ao longo de seu tratamento, permitindo amarrações que o sustentem, minimamente, na realidade da vida. E, no momento de concluir, deixo uma reflexão acerca do último ensino de Lacan, onde no Seminário 23, a partir da escrita de James Joyce, Lacan constrói a teoria do nó borromeano como enlaçador dos três registros simbólico, real e imaginário, que acredito ser a aposta para a clínica na contemporaneidade.

TEMPO DE COMPREENDER

José frequentou, por mais ou menos um mês as oficinas que realizávamos, até receber alta, e nesse tempo já se dizia “escritor de músicas e tocador de violão”. Após a alta, passamos aos atendimentos individuais onde José pode contar mais detidamente sua história. Conta sobre os acontecimentos que o haviam levado a diversas internações, e aquela específica onde nos encontramos. Dizia que havia discutido com os vizinhos, pois eles estavam fazendo “zuada”, significante que ele mesmo coloca, além de estarem bebendo e fumando, atitudes das quais diz não gostar. Conta sobre outro acontecimento onde se irritou com a “zuada” de uma construção ao lado de sua casa e saiu em uma longa caminhada até uma praia distante da cidade, acontecimento que o levou para uma breve internação no CAPS. Relata outras longas caminhadas que fez, que tinham como causa, sua irritação com a invasão de sons em sua casa, ou invasão de familiares convidados de sua mãe ou quando não tinha nada para fazer. Isso acabava por gerar muitos conflitos com sua mãe, pois por vezes as caminhadas duravam dias e lhe causavam muita preocupação.

José dava os primeiros indícios de sua estrutura, de seu sintoma e de sua relação com o Outro. Freud, em seu texto “Neurose e Psicose” de 1923, já colocava a questão de saber qual seria o mecanismo na psicose análogo ao recalque na neurose, e acrescenta que tal mecanismo “intermediaria o desligamento do ego com o mundo externo”(p.2). Ainda colocava a psicose como um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. No ano seguinte, 1924, em seu texto “A Perda da realidade na Neurose e na Psicose”, Freud acrescenta que “em uma psicose esse mesmo ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade”.

Lacan, no Seminário 3 acrescenta à teoria de Freud, que o mecanismo análogo ao recalque na neurose seria a forclusão na psicose, colocando-a como condição essencial dessa estrutura. A forclusão entendida como o mecanismo de defesa, faz com que o Nome-do-Pai, significante simbólico que carrega a lei não se inscreva no lugar do Outro, ocasionando o fracasso da inscrição da metáfora paterna. Se tratando de uma psicose, José não conta com a lei simbólica, não podendo usar desse recurso para elaborar suas experiências.

Quinet (2014), coloca que através da operação da metáfora paterna a criança seria “arrancada dessa posição de ser objeto de gozo da mãe e que o Nome-do-Pai

“significantiza” o desejo do Outro”. Lacan (1955/56) propõe que, para sujeitos psicóticos em suas relações sujeito/objeto, primeiramente encarnada na relação mãe/bebê, o que viria a separar sujeito de objeto, o Nome-do-Pai, não se inscreve como um significante organizador. A metáfora paterna não realiza a subtração do objeto, fazendo com que essa separação seja malsucedida, resultando em uma relação de fusão entre sujeito e Outro, relação essa que reproduz o primeiro tempo lógico do Édipo, quando a criança se encontra identificada ao falo imaginário da mãe como objeto de seu uso pessoal.

Ao longo dos atendimentos, José indicava como se dá a relação psicótica com o Outro, tal como formula Lacan; ia denunciando a falta dessa separação que culminaria na barra do gozo do Outro. Ao ser invadido pela “zuada” ou mesmo por sua mãe e familiares, José fica à mercê desse Outro não castrado, consistente, que faz dele objeto de seu gozo, objeto de uso, e assim, o sujeito enquanto tal, desaparece. Quinet (2014) coloca que não há mediação nessa relação, pois “o sujeito sente-se radicalmente preso nas malhas do Outro como um objeto”.

Sempre que falava de sua relação com a cidade, José mostrava que o Outro estava ora encarnado em seu laço com a cidade, ora encarnado nos personagens da televisão. Relata que mais de uma vez havia quebrado a televisão de sua casa por achar que os personagens televisivos podiam assistir-lhe e falavam diretamente com ele. José não podia fazê-los calar-se, não podia barrar-lhes o gozo que tanto o aterrorizava. Diante desse horror que o invade, José faz uma passagem ao ato -quebrar a televisão-, numa tentativa de alívio do gozo do Outro que aparece como terrível e gozador.

Como sinal da delicada relação transferencial do sujeito psicótico, em outros momentos o Outro era atribuído a minha figura, a figura do analista. José desconfia que eu estava em contato com uma vizinha de seu apartamento e logo acusa-me de tal coisa. Em outro momento observa minha tatuagem e dizia que “é o olho que tudo vê”. Intervenho dizendo que é apenas um desenho, fazendo esvaziar a consistência do olho que o olha. Freud, inicialmente não acreditava na possibilidade do estabelecimento de uma transferência na psicose devido à inversão da libido ao próprio eu, impedindo que esta se dirigisse à figura do analista.

Com o acréscimo das considerações de Lacan, hoje podemos afirmar que existe relação transferencial nos casos de psicose, porém, são de outra ordem. Diferente da manifestação na neurose, que chega em forma de demanda, para o psicótico não é possível

demandar, uma vez que não há falta, já que o objeto está a sua disposição. Sendo assim, para o psicótico quem demanda é o Outro, sendo o sujeito o objeto visado pelo Outro. Sendo assim, a transferência na psicose só poderia se manifestar nessa repetição da relação com o Outro, ou seja, o analista é convocado a ocupar o lugar do Outro gozador. Kaufmann (1999) coloca que, a esse lugar o analista deve dizer não, pois dessa posição só pode surgir a manifestação transferencial mortífera da erotomania, onde amor e gozo se encontram colados.

Com José, ora a transferência aparecia como persecutória, o olho que tudo via, ora aparecia como erotomania, onde convidava-me para sair, trazia-me presentes e chegou a escrever uma música onde dizia:

“você é uma grande amiga/ Você é muito querida/ Tem as melhores conversas do mundo/ Conversas que tocam lá no fundo/ No fundo da alma/ Conversas que acalmam/ Acalmam o coração e mexem com a emoção/ Eu estava em um lugar ruim/ E você apareceu assim, linda demais/ Com conversas legais e atividades muito especiais/ Você é uma grande amiga”.

É interessante observar como o sujeito José está fora dessa música, só há um sujeito, a analista, porém a medida em que escreve a música, algo se recupera da dimensão do sujeito. Assim, o manejo sempre ia em direção a apostar naquilo que fazia surgir sujeito, nos fazeres e saberes que José ia construindo para si. Sempre na direção do esvaziamento, de criar qualquer alusão a uma falta de onde pudesse surgir sujeito. Fazer o movimento de subtração daquilo que está cheio permite ao sujeito movimentar-se, fazer algo com o que lhe causa, e essa era a aposta que fazia, que ali havia sujeito em movimento.

Lacan, em seu seminário sobre “as estruturas freudianas da psicose”, ministrado entre 1955 e 1956, já dizia que a posição do analista é a de “secretário do alienado”, se fazendo de destinatário, de depósito daquilo que o sujeito precisar depositar. Miller (citado em Ferreira; Trópia, 2000) ainda acrescenta que na psicose, cabe ao analista buscar “a maior trivialidade possível, que levaria a uma possibilidade de vida comunitária mínima, uma vida comum”. O que Miller chamou de “trivialização”, serviria também ao manejo da transferência, privilegiando o caráter comum, ordinário, corriqueiro da fala de José, além de permitir que surja elementos norteadores do caso, que indicariam uma

suplência possível para o sujeito. Assim, cabe ao analista escutar qual saída cada sujeito aponta como sendo aquela que lhe é possível.

Diante do que José ia relatando semana após semana, e na construção do caso realizada nos espaços de supervisão de estágio, ficava evidente as saídas dadas diante das manifestações de sua paranoia. Lacan, em 1966 em seus Escritos, propõe uma definição da paranoia, identificando o gozo no lugar do Outro. E Quinet (2014) acrescenta que, o sujeito paranoico faz uma atribuição subjetiva a esse Outro, ele designa o Outro que goza dele. José faz atribuição desse Outro em sua relação com a cidade, principalmente nos barulhos e “zuadas” que a cidade emite.

A televisão também é alvo dessa atribuição, onde os personagens encarnam esse Outro que tudo vê e que dele tudo sabe. Em seu delírio acerca da televisão, José é invadido por aquilo que se desenrola em sua volta e se sente completamente visado pelo Outro encarnado. Conta uma passagem onde assistia televisão e lá falavam sobre depressão. Imediatamente sente que diziam sobre ele e para ele, pois há algum tempo atrás havia recebido de um psiquiatra o diagnóstico de depressão. Como coloca Miller (citado em Kaufmanner, 1999), “na paranoia, isso fala dele”, e para José é tão aterrorizador que o leva a quebrar a televisão.

Freud (1923) já situava o delírio como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo. O delírio de José acerca da televisão é uma tentativa do sujeito de reconstruir aquilo que não foi possível simbolizar. Tentativa de recomposição de sua realidade e uma atenuação do gozo que o invade. Freud (1924) coloca que a reparação dessa realidade perdida se dá, “não às expensas de uma restrição com a realidade – senão de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada”. Ao se deparar com uma pergunta impossível de ser respondida no simbólico, “quem sou eu? Sou depressivo?”, José responde no real, com um delírio e uma passagem ao ato.

A segunda clínica de Lacan e a escrita de músicas

Em um primeiro momento, Lacan, no Seminário 3, ao elaborar a teoria da clínica com a psicose, usando o caso de Schreber como exemplo, coloca como única possibilidade para essa clínica, fazer com que o psicótico fale de seu delírio. Caberia então

ao analista, acolher o delírio e acompanhar o sujeito na elaboração de uma metáfora delirante, uma construção que vem em substituição à metáfora paterna, que poderia estabilizá-lo na vida. Posteriormente, na segunda formalização de sua clínica, Lacan acrescenta que essas “bengalas imaginárias” seriam uma solução um tanto precária, uma vez que não tocam o real, sendo também uma solução rara (FERREIRA; TRÓPIA, 2000). Os delírios apresentados por José são ideias delirantes isoladas, sendo que poderia nunca chegar à formulação de uma metáfora delirante que lhe desse sustentação suficiente na realidade.

Dafunchio (2008) coloca que “este é o limite do paradigma Schreber: a redução à solução pela via da estabilização através da metáfora delirante, que na realidade é uma solução que fica bastante aberta”. Desde o paradigma Joyce, no Seminário 23, Lacan amplia em muito a perspectiva dos recursos usados no tratamento com a psicose, e a partir de então podemos falar em “tratamentos possíveis” para a psicose. O tratamento não se trata mais de fazer com o paciente delirar até que se consiga uma metáfora delirante que possa ocupar o lugar da lei forcluída, até porque muitos deles, como provavelmente o caso de José, não chegariam nunca a construir uma metáfora suficientemente apoiadora para o sujeito. Quinet (2014) coloca que, se trata de “usar o recurso da linguagem na direção de cifrar o gozo, significantizar o real” (p.101), e assim deixar com que o sujeito busque ferramentas para que esse trabalho possa ser feito.

É no Seminário 23 onde Lacan elabora a teoria do nó borromeano, a das amarrações dos três registros real, simbólico e imaginário. Acerca da paranoia Lacan coloca “Na medida em que o sujeito enoda a três o imaginário, o simbólico e o real, ele é suportado apenas pela continuidade deles. O imaginário, o simbólico e o real são uma única e mesma consistência, e é nisso que consiste a psicose paranoica”.

Dafunchio (2008), ilustra com uma analogia, comparando o esquema proposto por Lacan acerca do nó paranoico com três rodela costuradas em seus pontos de cruz. Assim, essa continuidade permite que o sujeito passe de um registro a outro como se “nada tivesse acontecido” (p.114) pois não há distinção entre os três registros. Isso constitui uma especificidade da paranoia, sendo o único tipo clínico da psicose onde algo não se solta, mas seu contrário, algo fica completamente preso, costurado, arraigado, sem possibilidade de movimento.

O quarto nó, colocado por Lacan como o *sinthoma*, aquele que permitiria o enlaçamento dos três registros, na paranoia é a própria costura, é ela mesma que mantém os registros juntos, e dá essa rigidez característica da paranoia. No delírio televisivo de José, ao ser invadido no real pelo gozo do Outro, imediatamente se passa pelo simbólico e se traduz em termos de significante e se faz a trama do delírio, onde interpreta que os personagens falavam sobre ele. Em sua posição rígida, José não sabe o que fazer com aquilo que lhe acontece, e então, usa o único recurso que encontra – a passagem ao ato – e ataca a televisão, quebrando-a.

José sempre mostrou um grande interesse por programas de televisão infantil, principalmente series e filmes de animação infantil. Relata gostar muito dos filmes das Disney, de Galinha Pintadinha e outros inúmeros desenhos que aparecem tanto nas sessões como em suas músicas. Como vem demonstrar o trecho de uma de suas canções, a escrita de música funciona, para José, como uma ferramenta de separação e tratamento do gozo.

“O filme carros da Disney e a pequena sereia é showww/ Enrolados, Aladim e cinderela dá vontade de assistir de novoooo/ O filme e o vento levou e levou o vento/ Eu conferi gostei muito e recomendo/ Peter Pan e Ratatouille tem muita gente lendo/ Nos lares, nos cinemas e no convento/ Cada cena mais perfeita muito mais e não menos/ Muita gente assiste com pipoca comendo/ Mickey mouse e Minnie também está tendo/ Branca de Neve e os sete anões vai passar em dezembro/ Tio patinhas em novembro/ Turma da Mônica em setembro/ A turma do Doki também faz parte dessa turma já é membro/ O auto da compadecida tem muita gente crendo (acreditando)”

É interessante observar as músicas que José escreve, pois mostram como a operação de subtração é importante para o tratamento analítico com a psicose. Na maioria de suas músicas José escreve acerca de personagens televisivos, de pessoas famosas, de cantores e cantoras que aparecem na televisão. Sabendo a posição do psicótico de não separação com os objetos, e levando em consideração a formulação de Lacan (1955/56) “o psicótico leva o objeto *a* no bolso”, José faz uso da escrita de músicas para apaziguar sua condição na relação com o Outro. Através da escrita, ele pode localizar em um objeto fora de seu corpo, o gozo do Outro que o invade. Criar algo que possa vir a representar esse objeto, criando a alusão de uma falta e o esvaziamento do Outro. No final dessa música, José coloca entre parênteses a palavra “acreditando”, reforçando o sentido de crendo, nesse momento, José pode minimamente fazer alusão a uma falta no Outro, uma

falta que faria com que não entendessem o que ele gostaria de dizer através de sua música. Com sua escrita, José mata a coisa, extrai o gozo do corpo Quinet (2014) coloca que a arte, como uma forma de invenção de si mesmo, é fundamental no caminho da estabilização da psicose.

Em certa sessão, José conta que, a partir do trabalho analítico, tem lidado melhor com os personagens televisivos que outrora causaram tanto horror. Diz que, quando sente as pessoas da televisão lhe observando, muda de canal e geralmente procura desenhos para assistir, pois ali não há pessoas para o observarem, e ainda, acrescenta que isso o ajuda a não quebrar a televisão, pois isso criava muitos problemas com sua mãe. É interessante observar as saídas que José vai encontrando para si, para sua situação. Ele rodeia aquilo que o aterroriza e encontra nos desenhos um escape de sua situação de objeto gozado. Na impossibilidade de se cobrir o buraco, pois esta é condição de sua existência estrutural, José o bordeja. E Lacan vai justamente observar que se dá toda uma luta em torno do buraco.

Freud (1924) já colocara que o delírio se trata de uma tentativa de cura, então, no tratamento com a psicose não se trata de exterminar qualquer vestígio delirante da vida do sujeito. Para Lacan, se trata de investigar a manifestação “específica do sujeito em relação ao conjunto do sistema da linguagem em suas diferentes ordens”, como coloca em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Dessa forma, podemos apontar, na fala do analisante, outros destinos para esse conjunto de significantes, ou, acompanha-lo na invenção de uma nova forma de se relacionar com tais significantes. A escrita de músicas ajuda José a construir um campo da realidade em torno de seu buraco.

Em seu texto “De uma questão preliminar....”, Lacan coloca que a realização assintótica, que faz a referência a “um dia”, como o que justamente possibilita a estabilização do sujeito. Sempre haverá uma abertura ao infinito, um ponto de desencadeamento do sujeito, um furo que nunca poderá ser fechado, a não ser assintoticamente. E por isso que as soluções assintóticas caem tão bem aos sujeitos psicóticos. Ter algo que nunca se esgote, que o faça se movimentar em uma alusão ao que seria o desejo para o neurótico. José quer ter uma banda, gravar músicas, tocar instrumentos, ter um estúdio de gravação de música e isso tudo vai sendo deixado para um futuro, como um sonho a se realizar em algum momento. Por enquanto, José segue apenas escrevendo suas músicas.

Miller em seu texto “A invenção psicótica”, coloca que, se tratando da paranoia, as invenções que o sujeito cria incidem basicamente no laço social. Escrever, em suas músicas, acerca daquilo que o rodeia, é a saída possível para José, é como ele pode dar conta da relação com o Outro, criam um lugar para si na sociedade e constituir laço social. Miller ainda acrescenta: “o delírio psicótico é o esforço de invenção de um idiota, do Um-sozinho”. José precisa inventar-se para dar conta de sustentar-se na realidade que é compartilhada. Quinet (2014), coloca que se tratando da psicose, a noção do que seria curável é o equivalente a tentar barrar, delimitar, apaziguar o gozo que invade o sujeito, o que difere da ideia psiquiátrica que a cura estaria na suspensão do delírio. Assim, José caminha em direção à sua cura, podendo inventar soluções únicas que apaziguam sua existência, existência essa que não pode ser diferente do que uma existência banhada pela linguagem e pela cultura, ou, banhada pelo Outro. Assim, é necessário inventar uma nova relação com o Outro, pois ele sempre permeará a vida.

Lacan, no Seminário 23, coloca para si mesmo a questão: “Em que a arte, o artesanato, pode desfazer, se assim posso dizer, o que se impõe do sintoma?” e, ao elaborar esse pensamento acrescenta: “[...] é o artesão que, por meio da conjunção de dois significantes, é capaz de produzir o que chamei de objeto pequeno *a*.”. Ao escrever suas músicas, num trabalho artesão, José cria uma nova ordem de relação simbólica com o mundo, permitindo que compense a falta do significante fálico e a falta do recurso simbólico para elaborar suas experiências, fazendo com que alguma coisa se articule.

Pensando acerca da escrita de Joyce, Lacan coloca:

a escrita me interessa, posto que penso que é por meio desses pedacinhos de escrita que, historicamente, entramos no real, a saber, que paramos de imaginar. A escrita de letrinhas matemáticas é o que suporta o real. Mas, Deus meu, como isso se deu? – eu me perguntei. Então, cheguei a alguma coisa que me parece, digamos, verossímil, dizendo-me que a escrita pode ter sempre alguma coisa a ver com a maneira como escrevemos o nó (LACAN, 1988).

É a partir do uso da ferramenta escrita que José toca aquilo que lhe causa, que toca o real daquilo que o invade, e através dessas “letrinhas matemáticas”, José faz a subtração do gozo de seu corpo, para colocá-lo em pedacinhos de escrita.

Nomeação: Zé Trovão

Além da escrita, José pôde construir para si, a partir de seu tratamento, outras ferramentas que o ajudam a enlaçar os três registros, para que ele possa se sustentar no mundo. Dafunchio (2008), aponta que, Lacan no Seminário 21, fala sobre outros tipos de nomeações para além da nomeação vinda do pai, ele introduz “os nomes do pai”, numa pluralização da função paterna. Introduz, ainda, outro tipo de nomeação que vai chamar de “nomear-para”. Diz que neste tipo de nomeação, o social tem prevalência de nó, sendo o tecido social o que enoda e entrança a estrutura do sujeito.

José, ao dizer-se escritor de músicas, cria para si um lugar no mundo, um laço com a estrutura social, uma identificação para os outros que o localiza como sujeito no mundo. De fato, é uma nomeação mais rígida do que aquela atribuída pelo pai, onde pode-se ser muitas coisas, sendo nenhuma delas. Dafunchio (2008) mostra essa diferença entre a nomeação paterna que seria “tu és meu filho, faça teu caminho” enquanto na outra nomeação geralmente é a mãe que diz “te designo para tal coisa”. Durante seu tratamento de mais de um ano, José foi construindo para si uma nomeação que reafirma seu lugar enquanto escritor de música. Ao nomear-se Zé Trovão, aquele que escreve músicas, José usa de um saber fazer com seu sintoma, faz uso daquilo mesmo que o transformava em dejetos, vítima do Outro e faz funcionar como recurso seu saber de escrever músicas, o que parece bem melhor do que sua posição daquele que é visto e comentado pelos personagens televisivos.

Inclusive, é a partir de um personagem de desenho animado que José constrói essa nomeação para si, dizendo-me que trocou para Zé Trovão o nome que sua mãe havia lhe atribuído, pois não o agradava. Pôde então, se desprender das malhas da mãe/Outro, ao qual estava preso como objeto, através dessa nomeação que ele próprio inventara, permitindo surgir sujeito. A partir da criação da nomeação Zé Trovão, ele passa a assinar suas músicas e também seu facebook onde publica suas criações com essa nomeação. O que garante e reforça seu lugar diante do mundo e dos outros.

O arquiteto das palavras

José é formado em engenharia civil e cursou também arquitetura e urbanismo, curso que não terminou devido a um desencadeamento que resultou em uma internação. Devido a série de internações pelas quais passou, nunca trabalhou formalmente e ainda depende financeiramente de sua mãe. O efeito de ter cursado ambos os cursos se dá, não

na construção de um campo profissional, onde poderia ganhar independência financeira como a lógica capitalista diz que deveria ser. Para José, os efeitos de sua formação se dão na construção de sua subjetividade, portanto, na impossibilidade de arquitetar dentro do campo profissional, ele arquiteta as palavras e constrói músicas. Foi assim que surgiu, durante a supervisão e construção do caso clínico o significante arquiteto das palavras, que vem a nomear este trabalho. Nessa brincadeira com as palavras que fizemos em grupo na construção do caso, percebemos o deslizamento metonímico, que vai de arquiteto profissional para arquiteto de palavras em forma de músicas. De sua posição de arquiteto das palavras, percebemos que José não se utiliza da linguagem em sua vertente mais metafórica. É a metonímia que aparece como ferramenta principal de suas composições, a exemplo desta que segue:

“Muitas pessoas dependem das minhas decisões/ Dependem das minhas escolhas, das minhas ideias, minhas/ Atitudes e minhas opiniões/ Por isso preciso ser correto, justo e humilde e ter excelentes/ Sugestões/ Dependem de mim:/ Pessoas inteligentes e babões/ Crianças, jovens adultos, idosos e anões/ Rios mares, árvores, peixes e camarões/ Currais, gados, cavalos, gatos e cachorrões,/ Estrelas, satélites, planetas e constelações...../ Chuvas, ventanias e furações...../ Relâmpagos, trovões e tufões...../ Bairros, pessoas, grupos e multidões...../ Ilhas, cidades, várias regiões/ Lojas, lares, edifícios e mansões/ Carros, motos e aviões/ Bicicleta, skate, patins e caminhões,/ Engenharia, arquitetura, medicina e computações/ Supermercados, campos, clubes, construções...../ Mesas, cadeiras, geladeiras e fogões...../ Músicas, melodias, letras e canções...../ Cifras, acordes, sons, composições..../ Ideias, sonhos, planejamento e criações...../ Objetivos, atuações e concretizações..../ Desenhos, brincadeiras, danças e animações...../ Jogos, games, parques, inovações e diversões...../ Rádio, internet e televisões...../ Baterias, baixos, sanfonas, guitarras e violões/ Pipas, ioiôs e peões...../ Vencedores e vencedoras, campeãs e campeões...../ Anjinhos, anjinhas e chefões...../ Pessoas altas, pessoas magras e comilões...../ Disco voadores e balões...../ Lâmpadas, refletores e iluminações..../ Cadernos, livros e várias informações..../ Ocasões e situações.....”

Na falta do recurso simbólico, onde a metáfora, com toda flexibilidade que lhe é própria poderia atuar, José usa da metonímia para deslizar entre os significantes, mesmo que mais rigidamente ligado, constrói uma cadeia que diz muito sobre ele e sobre os

significantes importantes em sua história. Dessa forma, ele pode ir margeando o gozo invasivo do Outro.

A cartografia

José conta ainda com mais uma ferramenta que lhe dá suporte no mundo, que o ajuda a criar seu lugar enquanto sujeito, e que também enoda os três registros. Ele conta que, tanto na engenharia como na arquitetura, desenhava muitos mapas e plantas de casas, e isso aparece durante as sessões de variadas formas. Certo dia, José chega à sessão e sem dizer nada pega um papel e uma caneta, que ficam sempre à disposição e desenha um mapa. Ao terminar, ele me conta alguns pontos de referência que havia desenhado e, por último, mostra, no desenho, a clínica onde havia ido tomar injeção no final de semana.

A medicação sempre foi uma questão que perpassou toda sua análise, José dizia não gostar de tomar os remédios que o psiquiatra receitava e costumava entrar em muitos conflitos com sua mãe que o obrigava a tomá-los. Passou a tomar sua medicação em forma de injeções uma vez por mês, e isso em nada melhorou sua relação com os remédios. Continuava a reclamar da inutilidade e do efeito colateral sono dos remédios e continuava a se recusar a toma-los. Nessa passagem onde José desenha o mapa, ele se utiliza desses desenhos, que chamamos de cartografia, para mostrar os contornos que foram possíveis de serem feitos por ele naquela situação. Através dessa cartografia, José diz sobre ele, se situa no mundo e faz gancho com o que é mundano.

Em outro episódio, em análise já há mais ou menos sete meses, José faz uma das longas caminhadas que costumava fazer, após uma discussão onde a mãe queria leva-lo para tomar as injeções e ele se recusa a ir. Chega na sessão e desenha todo o trajeto que percorreu durante 10 horas de caminhada, me conta o ocorrido para mostrar que ao final, volta para casa – o que geralmente não ocorria nas caminhadas anteriores-, acorda a mãe na madrugada para dizer que no dia seguinte iria tomar a injeção. José precisou, literalmente, rodear a questão, bordejar o centro escuro, vazio, e ele faz isso com os próprios pés. É na caminhada que pôde resolver, mesmo que temporariamente, uma questão, e na sessão ele usa da ferramenta mapas para testemunhar seu caminho.

A trança subjetiva, ou, o enodamento

Lacan (1975/76) introduz a ideia de *sinthoma* como o quarto elemento enlaçador dos três registros RSI. Ele coloca: “[...]a possível floculação terminal de quatro termos

nessa trança que é a trança subjetiva nos dá a possibilidade de supor que, na totalidade da textura, haja alguns pontos eleitos que se revelam como o fim do nó de quatro. E é de fato nisso que consiste, propriamente falando, o *sinthoma*” (p.52). São nesses pontos de invenção que José faz, da escrita de música, de sua nomeação, da cartografia, seu *sinthoma*. É apenas a partir de suas invenções que José pode costurar os três registros e construir sua trança subjetiva que o dá lugar de sujeito e permite que exista no mundo. Lacan coloca que é “na medida em que o *sinthoma* volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o *sinthoma*”. É precisamente em seu *sinthoma*, que o sujeito José pôde fazer alguma coisa com aquilo que o causa, que o atormenta, que o traz sofrimento.

Para além do Édipo

Laurent, em seu texto “O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses” (2000), discute o enfraquecimento do Nome-do-Pai, enquanto agente regulador do gozo e aquele que “nos separa de tudo o que é, para nos levar em direção a Outra coisa”. Coloca, ainda, que, antes de mais nada, a psicose nos ensina que a identificação ao pai é apenas um caso particular, que há outras maneiras de lidar com o gozo, que permitem dar uma representação desse gozo sem passar pela identificação ao pai. Coloca o Nome-do-Pai como uma ficção que funcionou por um período, mas na contemporaneidade vacila, fazendo com que se torne necessário, cada vez mais, inventar outras ficções para reger e regular o gozo em jogo, em outras relações para além da relação pai-filho. Por fim, lança a ideia de que cabe a nós, contemporâneos, a tarefa de inventar ficções necessárias às normas que se efetivam na civilização. Sendo assim, Laurent pontua, ainda, que “as ficções deverão ser elaboradas sem preconceitos conservadores, mas, tampouco, sem entusiasmo progressista, sem ingenuidade”.

Laurent (2007), em seu livro “A Sociedade do Sintoma: a psicanálise, hoje”, no capítulo “Servir-se do Pai”, discute o percurso de Lacan para além do Édipo, apontando que “é uma destruição sistemática do pai como ideal ou universal”. Acrescenta ainda que a função pai foi reduzida a sua utilidade, ou seja, a função de ferramenta, “instrumento disponível para que o sujeito se sirva dele”. Assim, o sujeito fica permitido a escolher o que necessita, construir para si um pai ou como coloca Laurent, fazer uma “recomposição a la carte [...] ele escolhe, na diversidade das regras e na evolução das normas, o que necessita para dar conta de sua experiência”.

Além disso, Laurent discute a crise da paternidade a partir das novas formações familiares, da conquista dos direitos das mulheres e das crianças, e coloca que “o Nome-do-Pai não combina bem com os Direitos Humanos”. A partir dessa frase, podemos pensar que o pai perde o lugar de autoridade, daquele que passa a Lei, para se tornar apenas função.

Ram Mandil (2015), em seu texto “A morte da mãe”, que escreve no livro “Mães” de Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros, coloca a metáfora paterna como “uma solução industrial padronizada, repetitiva [...] enquanto a solução através do RSI seria uma solução do um-a-um”. Lacan já havia introduzido essa ideia ao sugerir primeiramente a pluralização do Nome-do-Pai, em referência a sua suplência. A partir de 1974/1975, no Seminário 22, acerca do RSI, Lacan faz equivaler o Pai ao *sinthoma* como o quarto elemento que mantém unidos o real, simbólico e imaginário. A partir daí, abre-se uma nova gama de possibilidades acerca do tratamento não só com a psicose, mas em apostar nessas novas possibilidades de amarrações para os sujeitos contemporâneos.

Acerca da clínica com a psicose, ao discutir o caso de Joyce, Mandil (2005), coloca que “não é mais questão de apostar nas “bengalas” imaginárias que compensariam o déficit do Nome-do-Pai, mas pensar uma alternativa a isso”, e aponta como alternativa as possibilidades subjetivas do sujeito, “a mira é na singularidade, ou para a solução que o sujeito encontra, sendo ela dentro do enquadre Edípico ou não” (p.99). José, encontrou na escrita de músicas, em seus mapas e na nomeação que criou para si uma trança subjetiva, que o coloca como sujeito no mundo, construindo uma solução única, portanto singular, através desses “saber-fazer”.

Quinet (2014) aponta que se tratando do sintoma enquanto letra condensadora de gozo, neurose e psicose se equiparam, pois, enquanto o neurótico encontra no Nome-do-Pai seu sintoma, o psicótico constrói um sintoma novo, “exterior à civilização comandada pelo Nome-do-Pai”. Partindo dessa ideia, podemos pensar que neurose e psicose também se equiparam se tratando do enlaçamento dos três registros RSI, onde o que vem a enodá-los, na neurose é o Nome-do-Pai, e na psicose é a invenção do sujeito. Podemos, ainda, ir além, uma vez que a proposta é pensar para além do Nome-do-Pai, e levar em conta o enfraquecimento do Nome-do-Pai, como o significante que une e articula real, simbólico e imaginário. Podemos pensar que para os sujeitos contemporâneos seja possível realizar essa articulação através de outras construções subjetivas que os sujeitos possam criar, inventando novas articulações para RSI. É esta a nossa aposta, e foi José que nos guiou

ao longo deste percurso, sinalizando as possibilidades de tratar a psicose pela via da transferência.

MOMENTO DE CONCLUIR

Zé Trovão, como ele prefere ser chamado, constrói suas tranças ao criar para si uma nomeação, e nos atos de escrever e cartografar, assim, pode simbolizar, minimamente, seu lugar e sua existência no mundo. Traz, ainda, a escrita e a cartografia como prévios ao nosso encontro no Juliano Moreira, mas é só a partir de seu tratamento analítico que ele pode usufruir desses saber-fazer, criando estratégias e ferramentas para lidar com sua condição estrutural. E pode também, construir uma solução sólida, que enode os três registros, e que suas ferramentas sirvam de fato, para sustentá-lo enquanto sujeito frente ao Outro, pelo menos por enquanto. Eu era apenas secretária de seus feitos, secretariava seus “saber-fazer” e me servia do lugar de objeto para apontar-lhe o sujeito e suas criações que ali estavam, diante de mim. Foi, a partir do atendimento de José, que pude começar a entender o que é a posição de “secretário do alienado” que Lacan postulou, fiz-me depósito e testemunha.

O caso de José também me ensinou quão necessária é a ampliação da clínica do Nome-do-Pai e de pensar acerca das formas de subjetivação que não passam pelo Édipo, é necessário ir além do Édipo, ultrapassar seu limite, e pensar a infinidade de soluções e amarrações possíveis do nó borromeano (RSI). Se Lacan coloca a trança subjetiva como o entrelaçamento entre real, simbólico e imaginário, que todos os sujeitos trançam ao longo de suas vidas, é preciso se atentar para a trança única e singular que cada sujeito pode fazer ao longo da vida, apostando nas soluções que são únicas, no um-a-um.

Se para o psicótico isso é uma questão necessária para que algo se estabeleça, na neurose vem sendo cada vez mais necessário essa aposta em soluções únicas. Vivemos uma era da descrença do Pai, do declínio da metáfora paterna como entrada do simbólico. Uma vez que a solução padrão, a que “servia” para a maioria, não se ajusta mais as mudanças do tempo, não incide com o sucesso que outrora já incidira. Acredito que a mira para os novos tempos é justamente nas construções das tranças subjetivas. Estar atento ao traço único de cada um que trança, buscando compreender como cada um enlaça real, simbólico e imaginário. E, ainda, evidenciar os pontos que marcam o fim do nó de quatro, os fins que uma trança pode apresentar, o *sinthoma* que cada uma pode construir

a partir do que o causa. Construção de um enodamento onde sujeitos possam se ancorar para a vida, e fazerem dela única.

José me ensinou muito, a psicose tem muito a ensinar, como já preconizava Lacan. Acredito que o ponto principal, além de discutir seu caso, é pensar essa aposta, pois esse é um campo onde só podemos fazer apostas, na clínica da invenção para a contemporaneidade.

O enfraquecimento do simbólico já se mostra na clínica atual, essa desarticulação que tantas vezes levam os jovens a “resolver a coisa no real”, e é urgente pensar o que acontece. Não há garantias de que José não voltará a desencadear e acabar em uma internação, mas por enquanto, ele pode minimamente resolver suas questões e fazer uso do simbólico para dar conta do real. Acredito que para a contemporaneidade, trançar os registros a sua maneira, mesmo que minimamente, possa abrir caminhos de invenção, de construção, de subjetivação, de sujeito, de lugar no mundo, tal qual o Arquiteto das Palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIM, Wllerson D. Entrelaçamentos Transferenciais nas Psicoses. . In: Revista CURINGA, nº14 – Há algo de novo nas psicoses. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 2000.

BARRETO, Elisângela Ferreira. Causalidade, linguagem e nomeação na psicose. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2008.

DAFUNCHIO, Nieves Soria – Confines de la Psicosis – Teoría e Práctica, 1ª ed., Buenos Aires: Del Bucle, 2008. Tradução livre do espanhol: Beatriz Lavieri.

DEFFIEUX, Jean-Pierre. Uso da metonímia em um caso de psicose. In: Revista CURINGA, nº13 – Expediente. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 1999.

FERREIRA, C.M.R. & TRÓPIA M.R.A.B.. O Escrituário das Suplências. In: Revista CURINGA, nº14 – Há algo de novo nas psicoses. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 2000.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). Op. cit., vol. XIX.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924). Op. cit., vol. XIX.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911). E.S.B., vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

KAUFMANNER, Henri. Transferência na psicose. In: Revista CURINGA, nº13 – Expediente. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 1999.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 3: as psicoses 1955/1956; texto estabelecido por Jacques-Alain-Miller; [versão brasileira de Aluisio Menezes]. – 2.ed. revista. – Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: o *sinthoma*, 1975/1976; texto estabelecido por Jacques-Alain-Miller; [tradução Sergio Laia; revisão André Telles]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In:Escritos, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar,1998. (Trabalho original publicado em 1958).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 22: R. S. I (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. (1966) Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LACAN, Jacques. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan (A. L. P. Pessoa, trad). Opção Lacaniana, 26/27. São Paulo: Eolia, 2000.

LACAN, Jacques. Os não-tolos erram / Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974 [recurso eletrônico] / Jacques Lacan [tradução e organização de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco]-- - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

LAURENT, Éric. A Sociedade do Sintoma: a psicanálise, hoje. Opção Lacaniana nº6. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 2007.

LAURENT, Éric. O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses. In: Revista CURINGA, nº14 – Há algo de novo nas psicoses. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 2000.

QUINET, A. Teoria e clínica da psicose. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

QUINET, Antonio. Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MILLER, J-A. A invenção psicótica. Opção Lacaniana,. São Paulo, Editora Eolia n.º 36, p. 6-16, 2003.

VIEIRA, Marcos André; BARROS, Romildo do Rêgo. Mães. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.